

Eu, Preso – EP8: Egressos – Transcrição de diálogos

[Emerson] Meu nome é Emerson Ferreira, eu tenho 30 anos. Eu fiquei preso dos 19 até os 23 anos, pelo crime de tráfico.

[Emerson] De manhã, logo quando eu acordo, saio na caminhada aqui, perto do bairro mesmo, durante sete quilômetros, eu e a Jéssica, minha companheira, que trata das mídias sociais Reflexões da Liberdade, a gente anda sete quilômetros, três e meio pra ir, três e meio pra voltar, no meio de uma mata, tem uma rua. Então é muito positivo, já logo pela manhã, ter contato com a natureza, poder ir e voltar, poder ser literalmente contagiado com essa tranquilidade que se encontra na natureza.

[Karine] Meu nome é Karine Vieira, eu tenho 36 anos, sou mãe de três filhos, assistente social egressa do sistema prisional. Eu sou fundadora do ResponSA, fundadora e presidente.

[Karine] Quando as pessoas saem do sistema prisional, elas, muitas vezes, querem mudar as suas vidas, mas a falta de oportunidade, principalmente em relação à geração de renda e ao mercado de trabalho, é muito grande, e aí as pessoas acabam reincidindo. Então, para que isso mude, nós precisamos acreditar e oportunizar.

[Emerson] Sou psicólogo, tenho um trabalho dentro de um hospital psiquiátrico em Pirituba, o Philippe Pinel, e tenho um projeto chamado Reflexões da Liberdade, que leva cultura de paz e desenvolve competências emocionais em escolas, unidades prisionais e empresas.

[Vera] O egresso é alguém que cumpriu sua pena de alguma forma e teve assegurado pela justiça de novo o direito a estar em liberdade. O egresso é uma... inclusive, é uma expressão, já é um conceito, assim, que tenta manter um respeito, né, pela figura da pessoa que passou pela prisão.

[Thais] Meu nome é Thais Daiana, eu tenho 35 anos, moro no Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo, fui presa por tráfico de drogas, fiquei nove anos presa. Na verdade, você sai e não encontra uma porta aberta, porque é difícil. E a parte de falar que você é ex-presidiária causa um choque nas outras pessoas “Nossa, mas você é tão bonita, você não tinha outra coisa pra fazer da sua vida?” E aí, a primeira coisa que perguntam pra você: “Mas você matou alguém?” “Não, você acaba fazendo algumas coisas, umas escolhas erradas na sua vida e você paga pelos seus erros”. Eu paguei os meus erros, não ponho mais isso na cabeça, saí, foi difícil. Eu não consegui um trabalho, eu não consegui fazer nada, eu fui vender até bala no farol. Antigamente, eu trabalhava com drogas, eu fazia qualquer tipo de drogas sintéticas, ganhava R\$ 50.000,00 por semana. Eu tive muito dinheiro, mas eu não aproveitei esse dinheiro todo pra estudar. Eu tenho seis filhos, então eu pensava só no bem-estar deles e da minha família.

[Vera] A política criminal de drogas, a guerra contra as drogas, que entrou no Brasil no auge da ditadura militar, nos anos 70, não tem

nenhum efeito sobre o problema que ela pretende enfrentar, né?! Tudo só piorou com relação às drogas nesses 40 anos de política criminal de guerra contras as drogas, mas ela produziu um colossal encarceramento de pobres, porque ela atua nas pontas, que são os presos pela guerra contra às drogas na América Latina, ou os camponeses pobres que trabalham produzindo aquelas substâncias como estratégia de sobrevivência, ou os comerciantes do varejo empobrecido, nas cidades, que estão nas periferias, que trabalham nesse enorme mercado de anestesiamiento coletivo.

[Karine] O Resposta é um projeto social que atende egressos do sistema prisional, a ideia do Resposta não é só inserir no mercado de trabalho, porque a gente se envolve num contexto mais social também, tentando entender um pouquinho da demanda do candidato, se ele está inserido na rede de serviço socioassistencial, como que está a questão da escolaridade, as vontades que ele tem de se capacitar pro mercado. E aí, se ele tem essa vontade, a gente busca uma forma de ajudá-lo, inserindo até na rede de organizações de capacitação gratuitas. Depois que a gente insere essa pessoa no mercado de trabalho, a gente faz um acompanhamento de seis meses a um ano para medir o desenvolvimento dela no mercado de trabalho e também oferecer para empresa uma gestão compartilhada da pessoa contratada. Não que a gente se envolva no processo interno da empresa, não tem envolvimento nenhum, a empresa continua seguindo suas normas, regras e disciplinas, mas a gente faz um processo de mediação com o colaborador contratado.

[Emerson] Eu tenho agora 30 anos. Com 9 anos, eu vendia alface e couve nas ruas desse bairro, com 11, eu soldava 100 bijuterias, brinco, anel, pra ganhar R\$ 2,00, com 13 eu comecei a entregar panfleto no restaurante no centro de Embu. Eu trabalhei 13, 14, 15 e 16 de garçom, e eu percebi que eu não conseguiria mudar muita coisa na minha vida. Quando eu retornava do trabalho, isso 23h30, 00h00, a pé, porque não tinha mais lotação do Embu pra cá, eu olhava os caras que estavam na criminalidade, com muito dinheiro e tendo e adquirindo aquilo que eu gostaria de ter e adquirir. E eu pensava comigo, trabalhando pra caramba e não saía do lugar. Eu comecei a frequentar umas festas, balada e tal nas festas, eu percebi que tinha uma outra forma de ganhar dinheiro Como? Vendendo droga. Então eu peguei uma parte do meu pagamento, comprei uma quantidade de droga e, em dois dias na balada, eu ganhei o equivalente a um mês inteiro de trabalho. Então, eu comecei a vender drogas nas festas e... foi tomando uma proporção é...de uma aventura para algo mais sério, a ponto de, no dia 28 de março de 2008 eu fui preso por tráfico e associação.

[Vera] Os sistemas penais no mundo são seletivos, eles sempre incidem em cima daqueles grupos mais desprotegidos do sistema penal: os mais pobres, os negros no Brasil, os travestis, é... diversos tipos, os resistentes. E a partir do momento em que ele passa pela prisão, essa marca é maior ainda. Então, as chances dele, que certamente eram poucas antes de ele entrar na prisão, elas diminuem radicalmente a partir da passagem pela prisão. Não só pelo o que a prisão faz nele, de de "deterior", da sua condição de humano, mas

também pelos preconceitos que têm fora da prisão e que acentuam isso de uma forma mais mais marcante ainda.

[Emerson] O que fez mais diferença foi o acompanhamento familiar, porque as unidades prisionais, da forma que hoje elas estão, elas favorecem para que você retorne para criminalidade. O que tem dentro da prisão, o status criminal, a possibilidade de você fazer conexões e literalmente continuar na vida do crime é muito sedutor. Eu deixei de viver nessa sedução, porque eu percebi que as consequências das minhas ações estavam atingindo diretamente as pessoas mais próximas, pai e mãe. Eles me visitaram todo final de semana durante os quatro anos e tanto, passavam a ficar pelados na frente de estranhos, para poder ir lá, levar uma comida, levar uma conversa, um acalento. Então eu percebi que realmente eu precisava fazer algo diferente.

[Emerson] Durante muito tempo, eu reclamei e dizia não ter, e só apontava e só conseguia enxergar aquilo que me faltava. E aí, quando eu cheguei naquele lugar e vi realmente a destruição, assim, da possibilidade de viver algo melhor, eu pensei: "Meu, eu preciso fazer alguma coisa, minimamente, com a minha vida principalmente com a minha vida". Então, comecei a ler vários livros, e esses livros realmente me "deu" uma dimensão de poder olhar a vida como algo a ser trabalhado, para deixar uma nova... uma outra lembrança, e eu não queria deixar a lembrança pros meus pais de ter morrido na prisão, ou no crime.

[Pedro] A gente, que defende direitos humanos ouve muitas vezes: "ah, leva pra casa" né?! Às vezes, dá vontade de inverter e falar: "Bom, quem defende prisão para coisas tão banais leva pra casa depois, entendeu?!" Porque você defende o estado mínimo, que não vai prover políticas sociais de inclusão dessas pessoas, é... defende que o Estado também depois não dê conta, não pense pro bem dessas pessoas, defende que essas pessoas passem dez anos presas por ter cinco, dez gramas de drogas, por ter cometido um furto, etc... E depois fazer o que com essa pessoa? Essa pessoa ninguém vai querer empregar, né?! A gente não tem nenhuma política... Então, esse é um problema que a gente tem que olhar e pensar nele como um todo. Se a gente não olhar pra ele e falar: "Olha, a cada pessoa que a gente coloca na prisão, a gente não resolveu um problema a gente criou um problema".

[Julita] O tempo passado na cadeia não lhes ensina rigorosamente nada, né? Ao contrário, quer dizer, o tempo passado na cadeia contribuiu pra essa mulher e pra esse homem se darem conta de que com esse sistema eles não podem contar, né?! Então, vamos nos virar como melhor pudermos!

[Pedro] Eu não tenho nenhuma outra solução com esse menino, com essa mulher, etc... pra fazer agora, é... que eu tenha que criar o problema pra sociedade, que é colocar uma pessoa na prisão? Essa é a pergunta que a gente tinha que fazer a cada decisão de colocar uma pessoa na prisão.

[Emerson] Eu comecei a tomar esse contato, literalmente, da possibilidade de ser melhor na vida por via dos livros de psicologia

que eu pude ler na prisão, sabe?! Então, eu li mais de 150 livros de psicologia dentro da unidade. O desejo de estudar, fazer psicologia, essas coisas todas, foi me trazendo uma clareza a mais de como funcionava essa..., esse círculo vicioso do sistema prisional. Então observando que as pessoas saíam e voltavam, saíam e voltavam, eu fiquei pensando: “Beleza, o Estado tem o nome, o endereço e tem o histórico de todas as pessoas que saem e voltam. Por que não agir de uma forma mais inteligente com essas pessoas, pra quebrar esse círculo vicioso?!”

[Emerson] Essas pessoas que saem da prisão, se elas não têm uma oportunidade, se o mercado de trabalho está fechando as portas para elas, o mercado do crime nunca fecha a porta, então se você dá uma oportunidade, se você consegue... é... colocar... a tua vida é exemplo para que essas pessoas desejem algo diferente, para que essas pessoas se apeguem a algo mais positivo. Isso é uma ação direta na questão de segurança pública, porque você está quebrando o círculo vicioso da criminalidade.

[Karine] Eu acho que é muito diferente quando você faz um projeto e você tem uma experiência. Você passou pelo outro lado. Eu iniciei minha vida no crime com 14 anos de idade, passei alguns períodos dentro, alguns períodos fora. Aos 17 anos, eu engravidei da minha primeira filha, que hoje está com 18 anos. Ela nasceu, eu tinha 18 anos. Nesse período, eu fiquei uns três anos fora da vida do crime nesse meio tempo, nessa jornada toda, eu posso dizer que eu fiz diversas coisas, desde furto, assalto, tráfico de drogas, e aí eu fui presa no ano de 2005, por tráfico e associação ao crime organizado, mas eu saí em 2006, absolvida. Eu já era mãe do meu segundo filho nessa época, e aí eu comecei a passar por um processo interno mesmo, de... de reflexão, do que eu estava oferecendo para essa família, e aí eu falei: “Bom, já que eu quero mudar, a primeira coisa que eu vou fazer é ir na escola fazer uma matrícula do supletivo pra eu terminar o segundo e o terceiro.” Aí consegui uma bolsa de 100% na faculdade.

[Karine] O que foi primordial para minha mudança também foi ter alguém acreditando em mim. Eu tive uma pessoa na família que acreditou em mim, mas não precisa ser necessariamente uma pessoa da família, porque, às vezes, as pessoas chegam até o projeto querendo que alguém acredite neles, e a gente acredita. Então, as pessoas precisam de um alicerce. Pra tudo que a gente faz na vida, a gente precisa de um alicerce.

[Vera] Você sabia que a reincidência de 70% é mais ou menos uma constante no mundo todo? Porque a prisão marca e evita a ressocialização, né?! Então, a reincidência é quase que uma consequência natural; a prisão é que fabrica a reincidência, fabrica, né... os novos estigmas. Ela re-estigmatiza as populações. Então a reincidência faz parte da história da prisão, acompanha a história da prisão e todo mundo.

[Emerson] E vocês vão ter aqui a condição de saber se vocês estão escutando ou se estão apenas ouvindo. Ouvir a gente ouve, né, porque

é uma condição do biológico, né dos cinco sentidos. Nossa principal atividade é dentro das escolas, justamente percebendo que os jovens vivem esse estado de prisão mental, não sonhando, não acreditando, não se apropriando das mudanças que nós precisamos viver. As informações que realmente transformam e que fazem que a sua voz venha a ser escutada, às vezes, é você que tem que procurar. Chegam pra nós só algumas coisas, recortadas... É uma sequência de dinâmicas, diálogos, pensado e amarrado um ponto com outro, justamente para trazer um autoconhecimento, para ter uma clareza maior da influência do território nas tomadas de decisão, e aí tem uma sequência de ações e dinâmicas com base nos valores humanos, para que os jovens nas escolas percebam e tenham outros valores humanos, para que conduzam a vida de uma forma mais íntegra.

[Thais] Eu nunca estudei, eu fui estudar dentro de uma penitenciária, eu estudei só até meus nove anos de idade, então eu fui aprender a ler e escrever mesmo dentro da cadeia. Ah, o pior foi ficar longe dos meus filhos, né?! Eu não vi os meus filhos crescendo, eu tenho filho de 22 anos, sou avó, eu não acompanhei o nascimento do meu neto, perdi meu pai também, eu saí de "saidinha", e o dia em que eu saí de "saidinha", meu pai morreu. Não tive contato na doença dele, na necessidade dele, que é isso que eu vim procurar nesse curso, ajudar as outras pessoas, porque ajudaram muito ele, né?! Cadeirante, morreu atrofiado.

[Thais] Faço curso de cuidadora de idosos. Esse curso mudou muito a minha cabeça, me fez ver que eu não preciso só viver aquela vida que eu vivia. Eu tenho outras oportunidades melhores pra estudar, pra trabalhar. Tem um recomeço, tudo tem um recomeço.

[Vera] Enquanto a gente acreditar que o Brasil vai melhorar prendendo esse tal grupo, aquele tal grupo, que a prisão é a solução, nós vamos... tem uma frase do Darcy Ribeiro que diz, há 30 anos atrás: "Se não construirmos escolas agora, daqui há 30 anos, vamos estar construindo prisões". Então, é isso, né?! E as prisões brasileiras, as primeiras prisões brasileiras, que foram no Rio de Janeiro, eram prisões de escravos, né?! Então, de uma certa forma, essa paisagem natural, né, de ter povo preto, pobre, encarcerado, jogado nas piores condições, no fundo, é uma certa paisagem natural da história brasileira, uma memória natural. Então, romper com isso ainda é difícil nos tempos de hoje, né?!

[Emerson] Com a tecnologia que a gente tem hoje, com as possibilidade de, a partir de um grupo de whatsapp, sabe criar um plano. Pedro, criar um plano... vamos criar um grupo de whatsapp, para fazer, então, uma praça no Santa Luzia? É muito claro perceber que, dentro das escolas e ao redor das escolas, a cultura criminal que tem na prisão, que tem na sociedade, ela é atraente na visão do jovem, sabe? Ela tem um proceder, ela tem um passo a passo que, de certa forma, seduz o jovem, e esse jovem, quando se aproxima dessa cultura, ele realmente tem uma postura diferenciada, e essa postura acaba fazendo com que ele venha a exercer um papel de liderança dentro da escola, sabe? Então, na escola, eu vou com algumas atividades também, para que esses jovens, além de olhar a

criminalidade, eles consigam olhar outras possibilidades. Então, na escola, uma ação de prevenção na prisão, uma remediação, para que tenha essa junção positiva.

[Vera] A prisão foi inventada no século XIX, quer dizer, ela tem toda uma história, mas ela se estabelece como algo que vai corrigir, recuperar, ressocializar, e ela nunca recuperou nem ressocializou. A prisão é que é uma utopia mentirosa e que se mantém viva por causa de uma propaganda muito grande, porque ela é fundamental pro controle dos pobres e dos resistentes no capitalismo.

[Karine] E a partir do momento em que você passou pelo sistema prisional, você fica marcado pro resto da vida, é..., mesmo sendo absolvido... Acho que, para além desse estigma, desse preconceito, é a baixa escolaridade que interfere muito, porque a maioria das pessoas que estão dentro do sistema prisional não têm nem o ensino fundamental completo, e aí, quando chega pra nós, as perspectivas de reinserção estão cada vez mais difíceis.

[Karine] Então, eu acho que a palavra-chave é oportunidade. Enquanto a sociedade não começar a pensar que a gente só vai fazer a diferença juntos, porque não é só o Estado que faz, é o Estado, é a sociedade civil, é a sociedade privada... Enquanto a sociedade não começar a ter essa visão e não começar a ver que, dentro do sistema carcerário, nós temos seres humanos, a situação tende cada vez a piorar.

[Pedro] Cumprindo a lei e a Constituição, a gente poderia ter hoje, é... uma quantidade muito menor de pessoas presas, portanto, um problema pra sociedade muito menor. Isso não geraria mais violência, ao contrário, a pessoa hoje, com o controle que as organizações criminosas têm do presídio... você entra no presídio, você perde muitas vezes seu contato com uma parte importante da família, você perde sua capacidade de se sustentar, você perde a capacidade de ser empregado depois que você sair dali. E você ganha uma rede que te oferece possibilidades dentro do crime, que o Estado e a sociedade não te oferecem mais.

[Julita] De formas diferentes, não é, essas pessoas que estão saindo da cadeia estão usando o seu próprio corpo, seja para ser triturado novamente, seja para ser uma tentativa de ser conformado, não é, mas estão aí vítimas dessa nossa tentativa, enquanto sociedade, enfim... viver num mundo diferente.

[Pedro] Quem está preocupado com uma sociedade melhor, mais segura, mais justa e menos desigual, tem que encarar cada prisão de cada pessoa como um problema.